



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

RONNY LINCONN DE BRITO LIMA

CLASSES SOCIAIS E LUTA DE CLASSES NO MARXISMO

**CAMPINA GRANDE
2017**

RONNY LINCONN DE BRITO LIMA

CLASSES SOCIAIS E LUTA DE CLASSES NO MARXISMO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732c Lima, Ronny Linconn de Brito
Classes sociais e luta de classes no marxismo [manuscrito] /
Ronny Linconn de Brito Lima. - 2016.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

1. Marxismo 2. Luta de classes 3. Capitalismo I. Título.
21. ed. CDD 335.4

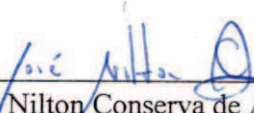
RONNY LINCONN DE BRITO LIMA

CLASSES SOCIAIS E LUTA DE CLASSES NO MARXISMO

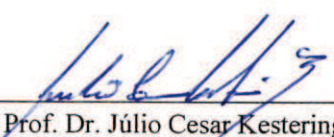
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: 01/09/2017.

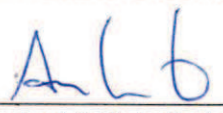
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso agradeço a todos de coração.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar onde hoje estou e, que permitiu que este momento fosse vivido por mim, trazendo alegria aos meus pais e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço a instituição UEPB, aos seus funcionários a todos os professores que me acompanharam durante a graduação e, em especial as secretárias Kalina e Edvânia pela atenção disponibilizada a mim nas horas em que precisei.

Agradeço aos colegas que passaram e aqueles que continuaram ao longo do curso. Aos amigos Emerson e Diego os quais tive a sorte de conhecer na reta final do curso e juntos compartilhamos obstáculos e alegrias.

Agradeço ao amigo Rostand Pereira e sua esposa Silvana pelo apoio e ajuda neste trabalho. Agradeço ao professor e amigo Nilton Conserva pela orientação e enorme força para que eu pudesse terminar esse trabalho, o mesmo posso dizer do professor Júlio Cesar pela força e ajuda e também ao professor Arlindo pela disponibilidade.

Agradeço a minha mãe Elza, pela cobrança que sempre me fez para que eu terminasse o curso, ao meu pai Carlos, ao meu primo Felipe pela disponibilidade em querer me ajudar nessa caminhada, a minha tia Cassia, a minha ex-sogra Josane e ao meu filho Dimitri de onde de certa forma tirei forças para conseguir terminar esse curso.

*A história da sociedade até aos nossos dias é a
história de luta de classes.*

(Karl Marx)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 A ORIGEM HISTÓRICA DA BURGUESIA E DO PROLETARIADO	07
3 A LUTA DE CLASSES SEGUNDO MARX E OS MARXISTAS	10
3.1 Modo de produção feudal.....	12
3.2 Modo de produção capitalista.....	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
5 REFERÊNCIAS	16

CLASSES SOCIAIS E LUTA DE CLASSES NO MARXISMO

Brito, Ronny Linconn de Lima¹

RESUMO

O artigo apresenta a compreensão do marxismo sobre as classes sociais e a luta que se estabelece entre as duas classes que simplificam o confronto na sociedade capitalista: a burguesia e o proletariado. O sistema capitalista para se reproduzir privilegia a *classe burguesa* que tem o controle dos meios de produção e explora a *classe proletária* cuja única propriedade é a sua força de trabalho. Essa relação de desigualdade estabelecida no sistema de produção resulta em benefícios privados para os burgueses, pois possibilita que a burguesia se aproprie injustamente do valor excedente na produção das mercadorias. Como o modo de produção capitalista só funciona se for mantida essa desigualdade nas relações de produção, instaura-se uma luta entre as duas principais classes que operam no âmbito das sociedades capitalistas.

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo. Luta de classes. Capitalismo.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho teórico do filósofo Karl Marx aborda uma infinidade de temas que ainda hoje são extremamente relevantes em nossos debates políticos e econômicos sobre os problemas que existem em nossas sociedades. Sua concepção de “classes sociais” e os conflitos que estão inerentemente ligados a elas possivelmente é uma das ideias mais amplamente difundidas e utilizadas quando o assunto tratado está relacionado com a vida social e as diferentes relações que possuímos nesse meio. Entre os diversos conflitos que se instaurariam no meio social, Marx definiu a luta de classes como a força motriz da história humana, o combustível da mudança do mundo social, ou seja, a luta de classes é a oposição entre as diferentes classes da sociedade. A luta de classes não é apenas um conflito isolado, mas envolve a economia, a política e a sociedade como um todo.

O objetivo deste trabalho é expor os mecanismos de controle da burguesia sobre o proletariado, e como compreender uma sociedade que, segundo Marx, move-se pela luta das classes que estão imediatamente em confronto, isto é, burguesia e proletariado, uma vez que ele acredita que seja esse o motor de toda a história. Assim, o que orienta a nossa análise é a

¹Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba.

conhecida afirmação proferida por Marx e Engels na introdução do *Manifesto do Partido Comunista*:

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz; numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX & ENGELS, 2010, p. 02).

Para ilustrar que a luta de classes é uma constante na história, Marx identificou os seguintes modos de produção dominantes em cada época: o comunismo primitivo; o escravismo na Antiguidade; o feudalismo na Idade Média e o capitalismo na Idade Moderna.

Para Marx, a passagem de um modo de produção a outro, segundo o filósofo, dá-se no momento em que o nível de desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com as relações sociais de produção. Quando isso ocorre, há um sufocamento da produção em virtude da inadequação das relações nas quais ela se dá. Nesse momento, surgem as possibilidades objetivas de transformação desse modo de produção.

De acordo com Marx, caberia à classe social que possui, em cada momento, um caráter revolucionário intervir por meio de ações concretas, práticas, para que essas transformações ocorram. Foi o que aconteceu, por exemplo, na passagem do feudalismo ao capitalismo, e com as revoluções burguesas. Marx sintetiza essa análise na afirmação de que a luta de classes é o motor da história, isto é, os interesses materiais contraditórios instauram uma luta entre classes antagônicas que se pode observar em todas as sociedades.

2. A ORIGEM HISTÓRICA DA BURGUESIA E DO PROLETARIADO

Marx e Engels no *Manifesto comunista* e Marx no *18 Brumário* abordam a constituição do operariado em classe e a existência ou não do campesinato francês enquanto classe social, respectivamente. Nesses textos está implícito que essa condição de classe é determinada economicamente pelo lugar ocupado pelo grupo na organização social da produção da existência; dessa maneira o marxismo põe em destaque as fortes relações entre estrutura econômica e produção social da existência humana. Façamos um breve apanhado histórico que nos possibilite compreender essa dinâmica.

A Europa medieval passou por profundas mudanças. Novas cidades surgiram a partir do século XI, iniciando o desenvolvimento comercial estabelecido nas relações entre Ocidente

e Oriente proporcionadas pelas Cruzadas. As novas cidades surgiram, na maioria das vezes, próximas às terras de algum senhor. Essas terras eram chamadas de senhorio. Com o renascimento urbano, várias atividades se desenvolveram nas cidades, movimentando a economia local – uma dessas atividades foi o artesanato. A partir de então, organizou-se o processo de produção e surgiram máquinas para atender a demanda do mercado.

A atividade artesanal que se destacou inicialmente foi à produção têxtil, ou seja, a produção de tecidos de lã e seda, principalmente. Toda produção era organizada pelas chamadas Corporações de Ofício. Nessas corporações se encontravam pessoas de uma mesma profissão, de uma mesma religião e que mantinham uma relação de proteção mútua.

As Corporações de ofício eram administradas e controladas por um mestre artesão, responsável pela produção e manutenção de um mesmo padrão (normas e regras) em todas as oficinas de artesãos. Os funcionários ou trabalhadores das oficinas eram chamados de jornaleiros e geralmente viviam na casa do mestre. Nas oficinas também existiam os aprendizes, jovens que queriam seguir uma profissão relacionada ao artesanato.

A organização das oficinas artesanais em corporações tinha como principal objetivo uma articulação política e econômica, a fim de enfrentar os mercadores, que passaram a viver nas cidades com o interesse estritamente comercial. Os mercadores tornaram-se homens ricos e poderosos – muitos foram os precursores das atividades bancárias. Os mercadores impulsionaram as atividades comerciais a partir do século XI, transitando de cidade em cidade, negociando suas mercadorias. No século XII, os mercadores passaram a organizar as feiras (importantes locais comerciais). As principais feiras do século XII foram a de Champagne e Brie, que se encontravam nos territórios da atual França. As atividades comerciais e bancárias e as feiras levaram ao rápido desenvolvimento urbano; assim, criou-se uma estrutura de segurança que garantiu a realização dos negócios comerciais.

Algumas das principais características das cidades medievais eram as muralhas, as torres e os portões que proporcionavam uma maior segurança para moradores e comerciantes. A maioria das cidades não chegava a ter 20 mil habitantes – a maior cidade do mundo ocidental era Paris, que tinha uma população que não ultrapassava 100 mil habitantes. Com a acentuação das atividades comerciais, as cidades, a partir do século XI, tiveram um enorme crescimento, o que transformou bastante suas feições, ampliando-as para os espaços além-muros – crescimento proveniente das feiras e das atividades comerciais realizadas pelos mercadores nas beiras das estradas.

A partir da ampliação das cidades além-muros, criaram-se novos muros, com os quais novas cidades foram delineadas, além das que já existiam. Os burgos (cidades com muros) se

desenvolveram economicamente e ampliaram de tamanho. Dos burgos surgiram os burgueses (a nova classe social, chamada burguesia), importantes comerciantes que foram fundamentais para o desenvolvimento da mentalidade capitalista.

Até então, o proletariado surgia na Europa em meados do século XVIII, juntamente com o Capitalismo Industrial, Karl Marx foi quem criou o conceito de proletariado que era considerado como a classe baixa da sociedade. A partir, de então, os laços sociais deixaram de ser comunitários e passaram a ser mediados pelas leis de mercado. Todos os bens se tornaram mercadorias que poderiam ser adquiridas através do dinheiro. Para tanto via-se a necessidade de um certo acúmulo de capital, o que resultou na expulsão dos camponeses de suas terras e destruição do artesanato urbano. Com isso formou-se um enorme contingente de indivíduos desprovidos de meios de produção tendo somente a oferecer ao mercado sua força de trabalho. Esses eram os chamados proletários.

Os proprietários da simples força de trabalho, os proprietários do capital e os donos da propriedade fundiária, cujas respectivas fontes de renda são o salário, o lucro e a renda fundiária, ou seja, os trabalhadores assalariados, os capitalistas e os proprietários fundiários, constituem as três grandes classes da sociedade moderna, fundada sobre o modo de produção capitalista (MARX, 1986b, p. 52).

O proletariado é a classe que se opõe à burguesia. A burguesia era constituída por todos os grupos ou indivíduos que tinham poder ou possuidores de capital, ou seja, os comerciantes, industriais, banqueiros, os que possuíam riquezas e proprietários de terras; enquanto o proletariado era a classe de operários, os trabalhadores e que não possuíam nenhuma propriedade. E o Estado considerava essas pessoas só para gerar filhos, que era para fazer parte dos exércitos do império. Karl Marx via no proletariado todo potencial revolucionário, pois era o que produzia todos os bens econômicos para a sociedade, e sendo explorada pela burguesia sem receber o que era justo.

É importante assinalar a função do proletariado como o único meio de produção de riqueza, de capital, para se compreender sua importância para a sociedade capitalista:

O proletariado é a única classe da sociedade capitalista que produz o “conteúdo material da riqueza”, que “produz” o “capital”, pois é ela a única classe que exerce a função social de converter a natureza em meios de produção e de subsistência. Ela é, na sociedade capitalista, a única classe cujo “trabalho produtivo” “produz” não apenas mais-valia, mas também “capital” que produz originalmente toda a riqueza social, o “capital social total”. (LESSA, 2007, p. 179).

Assim, do ponto de vista histórico encontramos a constituição das classes que tem interesses antagônicos e que por isso mesmo estabelecerão uma luta de classes que será

fundamental para que o modo de produção capitalista seja superado. Mesmo que esta luta possa manifestar-se em aspectos ideológicos, políticos, jurídicos, religiosos, sua determinação fundamental será econômica.

3. A LUTA DE CLASSES SEGUNDO MARX E OS MARXISTAS

O termo *luta de classes* foi uma denominação criada pelos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, segundo eles as lutas de classes existem em todas as formações sociais, e pode-se sempre identificar, em última análise, conflitos que se dão entre as classes que são proprietárias e aquelas que só possuem a sua força de trabalho, portanto, não são possuidoras dos meios de produção, restando-lhe como função no processo de produção vender a sua força de trabalho. As classes dominantes exercem seu poder de forma autoritária, geralmente, e isso acaba gerando conflitos com os representantes das classes dominadas.

Uma “classe social”, ao menos em uma perspectiva possível, ocupa sempre uma posição específica no “modo de produção”, na formação social a ser examinada. A sua história – a das classes sociais em confronto, aliança e luta – é ditada por um ritmo histórico mais agitado: ela se agita através de eventos, assiste à eclosão de revoluções, vê-se atravessada por manifestações ideológicas que podem assumir a forma de produtos culturais específicos. As lutas dão-se nas ruas, nas relações de trabalho, no confronto cotidiano, mas também através de textos, discursos, preconceitos, permanências e inovações. O modo de produção é estrutura e cenário para a atuação das classes sociais, verdadeiros sujeitos da história, de acordo com as proposições que fundamentam o Materialismo Histórico. (BARROS, 2011. p. 24).

O aspecto fundamental da análise que Marx propõe da sociedade capitalista envolve sua teoria da propriedade privada dos meios de produção, pois nela reside o principal mecanismo de produção e acumulação de riqueza, e de controle de uma classe sobre outra. Quando os meios de produção (capital, terra, matéria prima, ferramenta) forem expropriados da massa dos trabalhadores e se transformarem em propriedade privada teremos instaurada a base do poder e da desigualdade vigente nas sociedades capitalistas. A divisão da sociedade em classes sociais pode ser explicada, segundo Marx, através da forma como os indivíduos se inserem no conjunto de relações, tanto no plano econômico como no sociopolítico.

Diferentemente dos teóricos idealistas do seu tempo, Marx propõe uma análise que privilegia a atividade produtiva e as relações sociais que os indivíduos estabelecem ao longo do processo de produção. Dessa forma, tudo o que é fundamental na existência humana está em forte dependência do trabalho e da sua atividade econômica.

Na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta toda a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. (MARX, 1986a, p. 301).

Marx afirma que as relações sociais entre os homens se dão por meio das relações de oposição, antagonismo e exploração, sendo esta o principal mecanismo de sustentação do capitalismo. Opondo-se às ideias liberalistas, que consideravam os homens, por natureza, iguais, política e juridicamente, Marx negava a existência de tal igualdade natural. Ao contrário dos liberalistas que consideravam os homens livres das desigualdades estabelecidas pela sociedade, Marx dizia que numa sociedade onde predomina o capitalismo as relações de produção inevitavelmente provocam as desigualdades sociais, sendo que essas desigualdades são a base da formação das classes sociais.

Para sistematizar a sua análise, de modo que essa dependência dos aspectos econômicos e materiais tomados como elementos explicativos não sejam meramente pontuais, mas uma categoria explicativa recorrente, Marx postula uma divisão de duas dimensões presentes em todas as sociedades: a infraestrutura e a superestrutura. Segundo ele não somente é possível distinguir, como também é necessário pontuar a base econômica, também chamada de infraestrutura, formada pelas forças de produção e relações de produção, que exercerão um papel determinante em todo o movimento da sociedade; e a superestrutura, identificada com o político, o jurídico, o religioso e ideológico que se constituem na *ideologia dominante* em cada sociedade. De modo esquemático, pode-se dizer que a superestrutura (as ideias dominantes em uma sociedade) depende da infraestrutura (o modo de produção vigente naquela sociedade). Para Marx, as relações de produção são consideradas as mais importantes e consistentes relações sociais. Os valores sociais e culturais, os modelos de família, as leis, a religião, as ideias políticas são aspectos cuja explicação está no colapso de diferentes modos de produção. Marx parte do princípio de que a estrutura de uma sociedade qualquer reflete a forma como os homens organizam a produção social de bens, que engloba dois fatores básicos: as forças produtivas e as relações de produção.

Marx estabelece uma distinção entre as forças de produção e as relações de produção, pois essa distinção será importante para sua análise. As forças produtivas que envolvem os meios de produção, as técnicas e os métodos utilizados no regime produtivo,

mais os trabalhadores com sua força de trabalho, são distintos das relações de produção que caracteriza a forma de propriedade dos meios de produção e o regime de repartição dos produtos e dos valores que são frutos desse intercâmbio. As forças produtivas constituem as condições materiais de toda a produção. As relações de produção são as formas pelas quais os homens se organizam para executar a atividade produtiva. Essas relações se referem às diversas maneiras pelas quais são apropriados e distribuídos os elementos envolvidos no processo de trabalho: os trabalhadores, as matérias primas, os instrumentos e as técnicas de trabalho e o produto final. Assim, as relações de produção podem ser: cooperativistas (como num mutirão), escravistas (como na antiguidade), servis (como na Europa feudal), capitalista (como na indústria moderna).

Cada modo de produção tem um diferente mecanismo de exploração predominante, suas classes antagônicas que se enfrentam, e bens que são expropriados por uma das classes que podem ser sempre identificados. Assim, segundo (Wright,1985 p. 83), para ilustrar a análise proposta por Marx, podemos apresentar dois modos de produção com seus elementos definidores.

3.1- Modo de produção feudal

Estrutura de classes: **Feudalismo**

Principal bem que é desigualmente distribuído: **Força de trabalho**

Mecanismo de exploração: **Extração coercitiva do trabalho excedente**

Classes: Senhores e servos

3.2- Modo de produção capitalista

Estrutura de classes: **Capitalismo**

Principal bem que é desigualmente distribuído: **Meios de produção**

Mecanismo de exploração: **Trocas mercantis de força de trabalho e mercadorias**

Classes: **Capitalistas e operários**

O modo de produção capitalista tem como elemento caracterizador principal a propriedade privada dos meios de produção e de troca, o que possibilita a apropriação privada do que Marx chamou de *mais-valia*, isto é, tudo que excede a quantidade de valor produzido pelo trabalhador e que corresponde ao seu salário, o que seria lucro decorrente do trabalho

investido na produção de uma mercadoria, mas que é apropriado privadamente pelo dono dos meios de produção.

Segundo Marx, as classes surgem quando as relações de produção implicam uma divisão diferenciada do trabalho, divisão essa que permite a acumulação de excedentes de produção que podem ser apropriados por uma minoria, a qual se coloca assim face à massa dos produtores numa relação de exploração (GIDDENS, 1975, p. 70).

Mesmo que textualmente Marx não tenha oferecido uma conceituação precisa da categoria classe social, no entanto sua explanação sobre o modo como a sociedade está organizada, focando essa relação de exploração instaurada no centro da sociedade capitalista, possibilita compreender que a reprodução da desigualdade e dominação só é possível se tivermos polos opostos com interesses divergentes e contrários. A desigual distribuição de poder e de riqueza instaura uma conseqüente hierarquia social que decorre da propriedade privada dos meios de produção. Será justamente em função da posse ou não dos meios de produção que a realidade denominada classe social se impõe. Os proprietários dos meios de produção constituirão a classe burguesa dominante (controlam o poder e se apropriam das riquezas produzidas pelos trabalhadores); os que tem como única propriedade a sua força de trabalho e que vendem à burguesia pelo preço que ela determina, constituem a classe dominada, o proletariado.

O que se ressalta de imediato é que as relações entre as duas classes são relações de conflito, pois o interesse de uma só pode ser afirmado em detrimento da outra, pois “os indivíduos só formam uma classe na medida em que se veem obrigados a sustentar uma luta comum contra outra classe, já que no meio eles se enfrentam uns aos outros hostilmente, no plano da competência” (Marx, Ideologia alemã, 1980 p. 35). Assim, na leitura proposta por Marx, todas as sociedades podem ser explicadas a partir das classes que são proprietárias e das que não tem propriedades. Portanto, ao longo da história de todas as sociedades é sempre possível identificar uma luta entre classes antagônicas, pois as desigualdades sociais e os mecanismos de dominação são determinados a partir da infraestrutura econômica da sociedade.

As relações de produção são, de fato, a referência última das classes sociais. Os lugares ocupados no processo de produção, basicamente a grande divisão entre proprietários e não-trabalhadores e trabalhadores não proprietários, é a divisão fundamental que possibilita a organização de coletivos com interesses opostos. Mas isso como possibilidade (BOITO JR., 2003, p. 199).

Por tudo que foi exposto, pode-se inferir que podemos conceituar classe social como todo o conjunto de agentes sociais que estabelecem relações determinadas por sua colocação no processo de produção, ou como proprietário dos meios de produção, ou com força de trabalho que será transformada em mercadoria remunerada pelo salário, o mecanismo central na exploração do trabalhador.

O trabalho assalariado é, pois, para a produção capitalista, uma forma socialmente necessária do trabalho, assim como o capital, valor elevado a uma potência, é uma forma necessária que devem adotar as condições objetivas do trabalho para que este último seja trabalho assalariado. De modo que o trabalho assalariado constitui uma condição necessária para a formação de capital e se mantém como premissa necessária e permanente da produção capitalista (MARX, 1995, p. 73)

Posto isso, podemos considerar que a exploração da classe operária está diretamente relacionada a essa condição de assalariamento direto. Pois, o salário é uma forma social que esconde (fetichiza) a existência do trabalho não pago, possibilitando que a burguesia se aproprie do excedente que Marx chamará de mais-valia. O salário apaga, portanto, todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e não pago. Todo trabalho aparece como trabalho pago. No trabalho assalariado, ao contrário, mesmo o mais-trabalho ou trabalho não pago aparece como trabalho pago. Dessa forma, o salário ao invés de se constituir numa justa remuneração pelo trabalho realizado, na verdade oculta o trabalho gratuito que a burguesia retira do proletário.

O exame da movimentação histórica da sociedade tendo como parâmetro a organização da produção social da existência, e o lugar que os indivíduos ocupam nas relações de produção, denuncia que há classes com interesses divergentes e que a única relação possível é de confronto e enfrentamento. O marxismo não fabrica a luta de classes, como muitos afirmam, mas a análise que propõe indica a existência de grupos que se diferenciam pelo lugar que ocupam no sistema de produção, e que podem vir a se constituir enquanto classes sociais. Tais grupos tendem a estabelecer o seu modo de vida, a sua percepção acerca das relações sociais, da política e da cultura a partir da experiência na organização da produção material.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias que apresentamos no trabalho são importantes para se pensar problemas cruciais do mundo contemporâneo, pois possibilitam compreender conflitos sociais presentes nas nossas sociedades. Mesmo que o trabalho teórico de Karl Marx tenha sido publicado no século XIX, suas teorias e conceitos continuam sendo cruciais para uma compreensão crítica do capitalismo. Suas análises, como se sabe, voltaram-se especialmente para questões sociais e históricas, análises de conjunturas e de lutas inerentes ao capitalismo moderno.

E em uma época como a atual em que estamos vivendo, onde o capitalismo mais e mais necessita do consumo para se manter, governos em diversos lugares pelo planeta, atacam direitos dos trabalhadores onde visam ainda mais privilegiar a classe chamada burguesa, “*hoje mais conhecida como empresários*”, onde se tornará inevitável o acirramento das lutas das classes sociais atuais.

A análise da sociedade a partir das categorias de *classes sociais* e *luta de classes* privilegia o aspecto econômico, mas sabemos da importância das dimensões políticas, culturais, religiosas presentes na vida social. Nenhum desses fatores pode ser dissociado dos outros elementos que atuam na dinâmica histórica. Em outras palavras, da mesma forma como ocorre com a dinâmica histórica, uma classe social não se encontra hermeticamente isolada do complexo de influências que atuam sobre a sua existência, que lhe dá o contorno e que pode diferenciá-la das outras classes. A análise marxista privilegia o aspecto da organização da produção econômica e os lugares ocupados pelos agentes sociais nesse sistema de produção como o condicionamento mais influente e decisivo na determinação de uma classe social. Mas na organização da produção social da vida humana (totalidade social) outros aspectos atuam determinando e sobre determinando a produção material, bem como a dinâmica das classes.

ABSTRACT

The article presents the understanding of Marxism over social classes and the struggle between the two classes that simplify confrontation in capitalist society: the bourgeoisie and the proletariat. The capitalist system to reproduce privileges the bourgeois class which controls the means of production and exploits the proletarian class whose sole property is its labor power. This relation of inequality established in the system of production results in private benefits for the bourgeoisie, Because it enables the bourgeoisie to unfairly appropriate the surplus value in the production of the goods. As the capitalist mode of production works only if this inequality in the relations of production is maintained, a struggle is established between the two principal classes operating within capitalist societies.

KEY WORDS: Marxism. Class struggle. Capitalism.

5. REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História** - volume 3: Os Paradigmas Revolucionários. Petrópolis: Editora Vozes, 2011).

BERTELLI, A. R. (Org.). **Estrutura de classe e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

BOITO JR., A. A (difícil) formação da classe operária. In: **Marxismo e ciências humanas**. São Paulo: Xamã, 2003

COLLIN, D. **Compreender Marx**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIDDENS, A. **A estrutura de classes das sociedades avançadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARX, K. Capítulo VI inédito de *O capital*: **resultados do processo de produção imediata**. São Paulo: Moraes, 1995.

_____. **O capital**. L I, v. I. t II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **A ideologia alemã**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1980.

_____. **Prefácio à “Contribuição à Crítica da Economia Política”**. In: MARX, K.; ENGELS, F. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986a.

_____. **Obras escolhidas**. v. 3. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986b.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martim Claret, 2010.
NOGUEIRA, Michele. **Entenda o termo ‘luta de classes’, segundo Karl Marx**: Estudo Prático. Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/entenda-o-termo-luta-de-classes->
WRIGHT, E. **Classe, crise e o Estado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

